

ISSN: 2675-5556

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

DIREITOS HUMANOS

UCP | FACULDADES
DO CENTRO DO
PARANÁ

Ensino por Ideal

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

DIREITOS HUMANOS

Volume 2

2019

EXPEDIENTE

Revista anual da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, UCP

“Poesias, contos e crônicas” é a um periódico anual da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP) e tem como objetivo publicar produções literárias, tanto do público acadêmico interno, quanto da comunidade externa. Os trabalhos versam sobre temáticas que variam a cada volume. O Volume II trata de Edição Extraordinária/Comemorativa alusiva aos 71 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Diretora Geral da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP

Jane Silva Bühler Taques

Organização

Jane Silva Bühler Taques
Sônia Maria Hey

Diagramação e Capa

Jefferson Silvestre Alberti dos Santos
Setor de Marketing da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP)

Endereço para correspondência:

Av. Universitária, km 0,5 Linha Cantu.
CEP 85200-000 – Pitanga, PR - Brasil
Telefone: (42) 3646-5555
Site: www.ucpparana.edu.br

Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná — UCP

POESIAS

CONTOS E CRÔNICAS

DIREITOS HUMANOS

Volume 2

2019

Poesias, Contos e Crônicas: Direitos Humanos. Pitanga/PR

Volume 2, 2019.

Publicação de poesias, contos e crônicas da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP

Direitos reservados deste volume (2019):

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

A revisão e todas as opiniões e informações expressas em cada um dos artigos são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

P743 Poesias, contos e crônicas: Direitos
Humanos. / Faculdade de Ensino Superior do
Centro do Paraná. – Pitanga, v. 2, 2019.

90 f. : il.

Anual

1. Poesias. 2. Pitanga. I. Título. II. Faculdade de Ensino
Superior do Centro do Paraná - UCP.

Sumário

Prefácio.....10

Nei Alberto Salles Filho

1.Depois de Morrer.....13

Elton Paulo Dobrovoliski

2.Direito Violado.....14

Marinês Moraes Barbosa

3.Direitos Humanos.....16

Neusa Moro

4.Menina, Mulher.....18

Aline Fernanda Cordeiro

Jean Pablo Guimarães Rossi

5.Negritude Bela.....20

Zarina Abá

6. O Dever de Educar.....22

Zarina Abá

7.O Perigo de ser Mulher.....	24
<i>Zarina Abá</i>	
8.Poesia da Paz	26
<i>Nei Alberto Salles Filho</i>	
9.A Desconstrução de um Ser Humano	28
<i>Elton Paulo Dobrovoliski</i>	
10.A Transformação de um Povo.....	30
<i>Elton Paulo Dobrovoliski</i>	
11.Apenas Uma.....	32
<i>Elton Paulo Dobrovoliski</i>	
12.Direitos Humanos! Não tão direitos.....	33
<i>Sirlene Veloso</i>	
13.Direitos Humanos!.....	34
<i>Sirlene Veloso</i>	
14.Roda Viva.....	35
<i>Camila de Nazaré Colares da Rocha</i>	

15. Cartas às Condenadas: Artigo II – Iguais em Sexo.....	37
<i>Elton Paulo Dobrovolski</i>	
16. O Difícil “Peso” das Virtudes.....	42
<i>Edson Luís Nunes</i>	
17. Direitos e Crianças: Olhares transversos.....	45
<i>Cristiana Callai</i>	
<i>Ana Isabel Ferreira de Magalhães</i>	
18. Docência e seus desafios – uma reflexão.....	57
<i>José Alexandre Telles</i>	
<i>Crislaine Telles</i>	
19. Em terra que tem Escolas, tem Palmeiras onde canta o Sabiá.....	59
<i>Ronald Ludke</i>	
<i>Sônia Maria Hey</i>	
20. Femicídio - Parte 1.....	64
<i>Tatiani Maria Garcia de Almeida</i>	
21. Femicídio - Parte 2.....	66
<i>Harryson Jonas da Silva de Almeida</i>	

22.Holocausto: A Gênese dos Direitos Humanos.....68

Elton Paulo Dobrovolski

23.Inversão dos Direitos Humanos.....85

Renan Matheus Mendes

24.Humano Colonizado.....90

Gilmara Aparecida Rosas Takassi

Prefácio

“Direitos Humanos”

Os Direitos Humanos ocupam, desde a metade do século XX, um lugar importante na história da humanidade. Com o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, se inicia uma mobilização mundial em favor da paz, com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), no mesmo ano. Nesta construção, os valores e princípios da cultura de paz, entre as pessoas e as nações, são definidos. Este conjunto de ideias, que ambicionam contribuir para o avanço civilizatório, foram integrados em um documento, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948.

Assim, ao longo das últimas sete décadas, questões referentes aos Direitos Humanos são pensadas, discutidas e, principalmente, colocadas em prática ao redor do mundo. Estas questões se referem ao princípio fundamental da dignidade humana, seja em temas gerais como a liberdade, a igualdade e a fraternidade, como também em pontos práticos e objetivos da humanidade como guerras, desigualdade social e acesso aos bens mínimos para garantir esta dignidade como: alimentação, moradia, saúde, educação, lazer, cultura...etc.

Porém, como sabemos, os desafios dos Direitos Humanos estão cada vez maiores e complexos, o que nos leva a questionar se uma grande parcela da população mundial pode ser considerada como sujeito de direitos ou apenas como sujeito do discurso sobre os direitos.

Para lançar luz sobre estas questões, a presente publicação traz, de forma criativa, os dilemas e possibilidades sobre os Direitos Humanos. A intenção é apostar num conjunto de pensamentos, ideias e alternativas que “humanizem os Direitos Humanos”, o que significa fugir da narrativa clássica, que trata o tema a partir de uma visão ideal, para uma escuta atenta às angústias e situações cotidianas onde os Direitos Humanos encontram dificuldade em fazer parte efetiva da vida das pessoas.

Por isso, esta obra traz poesias, contos e crônicas, onde a temática central serão os “Direitos Humanos”. Trata de uma edição comemorativa aos 71 Anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A submissão dos textos foi aberta à comunidade em geral, para além da comunidade acadêmica, por se tratar de uma ação dos Programas de Extensão UCP CULTURA E ARTE e UCP SOCIAL.

Como dissemos, os Direitos Humanos devem fazer parte da vida e da reflexão de todas as pessoas. Por isso, esta edição extrapola os muros da UCP e se conecta com a comunidade externa, num movimento de integração entre o ensino superior e a sociedade. Deste encontro, surgiram as páginas desta obra, trazendo pistas, possibilidades e críticas sobre a dignidade da vida humana e social, a partir da criatividade literária!

Que todas e todos aproveitem o conteúdo. Uma ótima leitura!

Pitanga, dezembro de 2019.

Poesias, Contos e Crônicas: Direitos Humanos. Pitanga/PR: UCP, v.2, 2019



Prof. Dr. Nei Alberto Salles Filho,
(Coordenador do Núcleo de Educação para a Paz -
Universidade Estadual de Ponta Grossa)

1

Depois que Morrer

Nascemos livres, iguais, dignos e com direitos.
Da liberdade, somente a ilusão.
Da igualdade, no máximo a comunhão.
Da dignidade, é melhor não falar.
Dos direitos, nem dos “manos” nem dos humanos.
Iguais em cor, sexo, religião e opinião.
Do preto ao índio, “de cara” a exclusão.
Do sexo, por favor, não seja viado!
Da religião, nada que bata tambor.
Da opinião: - cala a boca falastrão!
Direito à vida, segurança, identidade e paz.
Do viver, ninguém pede para nascer.
Da segurança, que segurança?
Da identidade, somente no RG.
Da paz, só depois que morrer.

Elton Paulo Dobrovoliski¹

¹ Acadêmico do Curso de Engenharia Agrônômica da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP).

2

Direito Violado

Abram-se as cortinas,
Que comece o espetáculo!
No palco da vida, o artista é o cidadão
Atuando em “liberdade”
Por vezes em prisão
Sendo a Vida o Ato maior de todos
“O Primeiro Direito Humano” – A peça
Mas tão já a primeira cena falha
Os atores esquecem a fala
E desencadeia-se a pior improvisação
Prevendo a ordem e a paz,
No palco a guerra se inicia
Na plateia o caos se instala
Ouço gritos
Brutalmente abafados
Eu por medo também silencio.

A cena continua no improviso, tudo dando errado.
Ouço um tiro...
Há sangue derramado
Na boca emudecida
Há um grito
Pelo direito à vida, silenciado.
Ao ver o espetáculo arruinado
O diretor recorre ao roteiro teatral
Mas o direito já fora violado
E antes tarde do que nunca
Ele exige
Assim será:
Ainda no ventre, o bebê que iria ser executado
A luz do sol verá!
Mas a plateia muda, não aplaude o que essa cena expressa.
Não há mais o que ver
A cortina se fecha
As luzes se apagam...
Fico na expectativa de que o Direito não seja violado
Na próxima peça.

Marinês Moraes Barbosa²

² Membro do Grupo de Estudos em Cultura da Paz, Direitos Humanos e Sustentabilidade da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP).

3

Direitos Humanos

2019, ano marcado pela dor!
Ano em que os Direitos Humanos foram negados
Aos oprimidos a opressão se consolidou
Aos imigrantes a animosidade foi oferecida
A violência foi disseminada nas mais diversas partes do mundo
O abuso das condições de empobrecimento e vulnerabilidade
Foram impulsionadas por políticas públicas insipientes...
Onde estão os direitos humanos?
Numa sociedade pronta para rejeitá-los...
Muros antes derrubados passam a ser meta de governos
Alimentando a ansiedade e a incerteza do futuro
Onde estão os direitos da humanidade?
Onde está a igualdade?
Onde está a liberdade?
Onde está a fraternidade?
Oh, Deus, onde estão os seres humanos do bem?
Que ora afagam e ora excluem?
A tábua dos Direitos Humanos está na gaveta...
Os Direitos desafiam a lógica, mas não a fé do ser humano é
Como o xaréu que se ergue nas noites escuras, imponente, brilhante...
O Ser Humano na sua fé, ergue-se todos os dias,
Além da dor, da fome, do desemprego, da doutrinação!

Ganha em força, contra a degradação de seus valores e...
Enche o coração de fé clamando pelos Direitos Humanos!

*Neusa Moro*³

³ Graduada em Letras - Português Literatura/Mestre em Educação (UNICENTRO).

4

Menina, Mulher...

Menina te levantas

E veja o sol que hoje brilha sorridente para você
Receba o suave vento que te acaricia sem intenções
O céu azul que se pintou para ganhar as atenções
E árvores verdes que dançam com as canções

Menina abra os olhos para as cores

Que o mundo mostra e te atrai
Mas ainda, cuidado com as ilusões
A beleza que causa confusões
E acompanha os corações.

Menina que já não é mais menina

Menina que agora é mulher
Levanta, siga em frente, seja o que você quiser

Não deixe o mundo te dizer

O que debes fazer

Pois a força que há em ti
Somente tu podes definir

Não! Não se limite
Cante, dance, reze, grite!
Deixe que a sua voz ecoe
Mostre que você (r)existe!

E ainda assim
Se o mundo insistir em te abalar
Levanta a sua cabeça
Lembra-se de quem lutou por ti, por mim, por nós...
Para que um dia tivéssemos voz!

Saiba que a tua beleza está na essência do teu ser
Na luta entranhada em tuas veias
Nas profundezas de quem você é
Sim, é você...
É você, mulher!

Aline Fernanda Cordeiro⁴
Jean Pablo Guimarães Rossi⁵

⁴ Bacharel em Psicologia./Acadêmica do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (UNESPAR - Campo Mourão).

⁵ Bacharel em Psicologia. Professor na Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP).

5

Negritude Bela

Sou negro na raça,
Sou negro na cor,
Sou belo, sou forte,
Eu tenho valor!

Da África vim, sofri e venci,
O branco que me escravizou.
Com bravura ergui
O grito forte, o meu clamor!

Sou negro, sou forte,
Eu sou vencedor!
Racismo vivi, na mente, no corpo
Na alma senti...

Eu não me calei,
Por agruras passei, evolui.
Caminhei, alcancei, superei,

Com alegria ecoei o grito da libertação!

Lutei as batalhas, ergui a cabeça,
O caminho trilhei, eu sobrevivi!
Agarro a memória, a aventura de glória,
Choro, rio, continuo, perco e ganho,
Levanto e sigo em frente!

Sou negro, sou forte,
Guerreiro de ébano,
Sou gente, respeito na mente,
Sou belo e imponente!

Zarina Abá⁶

⁶ Licenciada em Letras/Português, Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo, Especialista em Ensino de Língua Inglesa, Bacharel em Letras-tradução Português/Francês.

6

O dever de educar

Criança na classe,
Criança no chão,
Cadê meu direito a educação?

O estudo anseio, não tenho receio,
Ando o dia inteiro pra escola chegar,
Aí eu te pergunto, que escola?
O poder público me deixa na mão!

Sem paredes, sem janelas, sem portas, cadeiras e mesas,
Não tô de bobeira, nem tente me ludibriar!
Aluno eu sou, na escola da vida
Aprendi meu valor.
Sei dos meus direitos, e o que mereço
Não é o que oferecem para mim!

Criança na classe, criança no chão,

Cadê meu direito a educação?
Por que o poder público me abandona?
Sou o futuro da nação!

Jovem, velho, todos os cidadãos,
merecem respeito, se qualificar
Arrumar emprego, sua vida mudar.
Criança na classe, criança no chão
Cadê meu direito a educação?
Por que os políticos me querem calar?

Juntos somos fortes, podemos mudar,
Construir um futuro glorioso
Para a nova geração prosperar!

Zarina Abá⁷

⁷ Licenciada em Letras/Português, Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo, Especialista em Ensino de Língua Inglesa, Bacharel em Letras-tradução Português/Francês.

7

O perigo de ser Mulher

Ando na rua amedrontada,
Nas esquinas me esguio,
Estou desamparada,
Com medo de ter minha vida ceifada.

Minha roupa, meu cabelo
Meu singelo destino,
São predestinados pelo opressor,
O machismo mata, sufoca, estraçalha,
E lança a mortalha sobre minha dor.

Por que me agride?
Mata-me, me deprime,
A misoginia, o feminicídio,
Destrói nossas vidas, me desequilibra, atinge, regride,
Eu quero me libertar!

Estatísticas entristecem,

Na luta persiste e nunca desiste,
Não posso admitir
Que eles decidam por mim.

Vidas renovadas, glória na batalha,
Não quero migalhas!
Mudo minha história, a dor na memória
Um dia vai sucumbir...
Eu tenho o direito de ser feliz!

Irmãs e irmãos venham se unir
Levantem as mãos,
Gritem, combatam, elevem a causa,
Digam não à violência contra a mulher!

Desconstruir o perigo,
Viver com sentido,
Lutando e progredindo,
Seguindo meu caminho,
Sem o perigo de ser mulher.

Zarina Abá⁸

⁸ Licenciada em Letras/Português, Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo, Especialista em Ensino de Língua Inglesa, Bacharel em Letras-tradução Português/Francês.

8

Poesia da Paz

A paz é...
A paz se faz
refaz
não se desfaz

A paz se cria
procria
acaba com hipocrisia

A paz constrói
nada destrói
e ela não dói...

A paz não é mito
nasce do conflito
tratado de jeito bonito

A paz é fato
não boato
surge do ato

A paz é amor
calor a favor
do que se tem de valor

A paz não é invenção
é emoção do coração
também razão e intuição

A paz é

*Nei Alberto Salles Filho*⁹

⁹ Pós-doutor em Ensino de Ciência e Tecnologia (UFPR)/ Doutor em Educação (UEPG)/Mestre em Educação (UEPG)/Graduado em Licenciatura em Educação Física/Professor adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)/Pesquisador dos grupos:(1) Cultura de Paz, Direitos Humanos e Sustentabilidade e (2) Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas. Desenvolve estudos nas questões referentes à cultura de paz e educação para a paz, direitos humanos, conflitologia e ecoformação/sustentabilidade a partir das perspectivas da teoria da complexidade e de abordagens sociológicas. Coordenador do Núcleo de Educação para a Paz (NEP/UEPG), que atua na extensão universitária na formação de recursos humanos em alternativas à violência e qualificação das convivências através de cursos, palestras e oficinas voltadas ao campo das políticas públicas e das organizações.

9

A Desconstrução de um Ser Humano

*Não há nação que
sobreviva em seus saltos
se negar que a educação
é o fundamento primário
de uma sociedade*

B-A, BA; B-É, BÉ; B-I, BÍ
Três anos, pra escola estudar
“Vo morá na caza verde”
Cinco anos, sonha em se mudar.

Meus “poblemas” não vou “aguentá”
Doze anos: dúvidas em amar ou suportar
Preciso da “cartera” pra “ve” um “enprego”
Dezoito anos: nem vai tentar o vestibular.

Vendo “apareio” de “son”
Vinte e três anos: nem para o aluguel vai tirar
“trabaio” de “cervente”

Vinte e oito anos: três filhos para sustentar

“oje” só farra e “caxassa”

Trinta e um anos: solteiro, disponível para casar

“The connection has timed out”

Trinta e três anos: sem dinheiro para o 4G do celular

Notícia do dia

“Homem de 33 anos foi preso após uma tentativa de assalto.

Ele afirmou que só queria o dinheiro para poder se alimentar”

Elton Paulo Dobrovoliski¹⁰

¹⁰ Acadêmico do Curso de Engenharia Agrônoma da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP).

10

A Transformação de um Povo

– *Que barbaridade! Um preto a cavalo!*

- Afirmou o gaúcho em mil oitocentos e setenta e seis.

– *Uma negra alemã! Um absurdo para a raça ariana!*

- Gritou o nazista em mil novecentos e trinta e oito.

– *“Proibido pessoas de cor”.*

- Estampava a placa em uma rua dos Estados Unidos
em mil novecentos e sessenta e quatro.

– *Sai daqui, favelado do diabo!*

- Ecoou de um transeunte nas ruas de
São Paulo na virada do ano dois mil.

O preto se tornou homem livre e

subiu o morro com seus sete filhos.

A negra alemã fugiu para o Alabama e
na escola do branco só por perto passou.

Os estadunidenses resistiram ou

morreram pelo “*I have a dream*”.
E o favelado paulistano é o bisneto
do preto escravo do Alegrete gaúcho.

*Elton Paulo Dobrovolski*¹¹

¹¹ Acadêmico do Curso de Engenharia Agrônoma da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP).

11

Apenas uma

Se apenas UMA criança trocar um
cachimbo de crack por um violino;
trocar um cigarro de maconha por uma flauta;
trocar a prostituição por um piano;
se apenas uma criança fizer isso,
a música terá valido a pena em todos os sentidos.

Se todas optarem pelos instrumentos,
ganharemos um novo Brasil.
Se a todas forem negadas,
perderemos esse Brasil.

Elton Paulo Dobrovoliski¹²

¹² Acadêmico do Curso de Engenharia Agrônômica da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP).

Poesias, Contos e Crônicas: Direitos Humanos. Pitanga/PR: UCP, v.2, 2019

12

Direitos Humanos! Não tão direitos

Deve haver algum lugar onde o mais forte consegue escravizar quem não tem chances.

Todo o homem tem iguais direitos à liberdade, a sua prosperidade e a proteção das leis.

A ampliação dos direitos das mulheres é o princípio básico de todo progresso social.

A essência dos direitos humanos é o direito a ter direito.

Não se implora por direitos, se luta por eles.

A cada dia se torna mais distante e menos real o sonho do povo brasileiro em relação à igualdade social e de direitos.

A liberdade parcial não é liberdade

Quando perdemos o direito de ser diferente perdemos o privilégio de ser livres.

Que país é esse onde o preconceito está guardado em cada peito? Que país é esse onde as pessoas não podem ser iguais devido a suas classes sociais?

Todos têm direitos iguais, mas com bênçãos diferentes.

Deus não criou amos nem escravos, e não quero dar, nem receber leis.

Sirlene Veloso¹³

¹³ Aluna do Curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) - Colégio Estadual Aníbal Khury – Iretama/PR.

13

Direitos Humanos!

Onde está o meu o seu o nosso direito humano com essa sociedade opressora que dizem estar fazendo para nos proteger.

Jogando uma cortina de fumaça em nosso cérebro que nos faz concordar em ser dominado e cada vez nos sentimos mais excluídos da sociedade, nos tirando a paz o amor próprio e até mesmo a nossa vida.

Cadê os meus direitos humanos?

Quando me pego a pensar em meus direitos sinto-me nua desprotegida e sendo feita de cobaia como um rato de laboratório, sendo forçado ser do jeito que meus opressores querem.

A quem esperam proteger?

Ainda há os que dizem, “Amém”

Esperando receber um milagre ou um lugar reservado no céu.

Entre direitos humanos,

Escolhi o respeito e o amor!

Sirlene Veloso¹⁴

¹⁴ Aluna do Curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) - Colégio Estadual Aníbal Khury – Iretama/PR.

Poesias, Contos e Crônicas: Direitos Humanos. Pitanga/PR: UCP, v.2, 2019

14

Roda Viva

(sobre)vivendo em um lugar de mentiras reais.

Onde quem mais manda, pode mais.

Aliados, alienados barganham sua liberdade cerceada,
dando um beijo no rosto do traído em troca de um punhado
de reais.

Extinto logo serás, caso a minha vontade não se cumpra, e
assim, sem querer, querendo, a consintais.

Aliados-alienados, de quantos ais mais precisais para que
satisfeitos estejais?

Te digo que meu desenfreado desejo nunca se satisfaz.

E dessa forma, sempre saciando a sede que nunca se farta, é
necessário que sacrifícios façais.

E isto posto, um fica, e tu se vais.

Tu perdes o direito adquirido, para que outro beneficiais.

E assim gira a roda viva, a uns sacrifica e a outros
subTRAIS.

E do universo, universal que somos, declaro: Direitos e
liberdades terás, contudo, das consequências delas, contas
prestarás.

Camila de Nazaré Colares da Rocha¹⁵

¹⁵ Bacharel em Letras Português-Inglês e Licenciada em Letras Português- Inglês. Especialista em Docência do Ensino Superior e em Língua Inglesa. Docente EBTT de Língua Estrangeira Moderna- Inglês, do Instituto Federal do Amapá (IFAP) - Campus: Laranjal do Jari.

15

Cartas às Condenadas: Artigo II – Iguais em Sexo

- Pobre, Eva! Se existiu ou foi lenda, a personagem das histórias da criação, tanto faz. Não é sobre a crença, mas é sobre a culpa compulsória nela depositada pelas histórias mal contadas de uma serpente falante e de um ser perfeito que criou um par de seres imperfeitos e que, na sua indiscutível onisciência sabia que o casal do princípio do mundo iria cometer erros. Tanto faz. A responsabilidade, neste caso, foi da mulher e, com esse grande erro todas as mulheres do mundo pagaram, pagam e pagarão por suas culpas.

Nunca interessou aos patriarcalistas comentar sobre a condição psíquica de Eva. Ninguém nunca falou se ela vivia em um estado de depressão, de euforia, um drama pessoal, ou outra coisa que a afligia. Ela simplesmente foi a primeira mulher: - criada da costela do homem para ser adjutora dele. Ela foi Eva! A culpa foi dela! A história estava feita e precisava ser contada.

Os fatores que estavam ao redor de Eva eram impecavelmente favoráveis ao sucesso do plano primoroso, afinal, água pura, saúde, animais incríveis, andar nu pelos descampados e comida à vontade poderia vir a ser o sonho perfeito de toda a mulher ou, motivo mais que

suficiente para que não houvessem problemas que a atingissem. Conhecendo uma mulher e sabendo do seu instinto natural à curiosidade, ao saber, ao novo, ao imediato, penso que foi a pura monotonia daquele lugar que fez com que ela tomasse uma decisão tão fatal, que iria interferir tão grandemente nas próximas gerações e, quando em frente à árvore do fruto proibido, pensasse categoricamente, ironicamente, talvez vulgarmente, como todas as mulheres brasileiras de hoje fariam: - *“Que se foda!”*

Mas, como sempre, o Cara da onisciência sabia o que ia acontecer e não fez nada para impedir. Tudo poderia ter sido feito! “Poxa!” - Havia uma cobra no terreiro do “Criador” e digo mais: a COBRA FALAVA! – que ironia do destino, ser vencida por uma serpente, a pura personificação do mal naquele contexto. Estaria correto em suas críticas tão pútridas o teólogo Johannes Nider, quando em 1495, talvez dez mil anos mais tarde, ao afirmar que “a mulher é extremamente suscetível ao demônio devido à melancolia e sua natureza ingênua”?

Reafirmo: - Não é sobre as crenças, fé, pluralidade de pensamentos religiosos, tampouco uma afronta aos espirituosos seres humanos que justificam suas ações em histórias milenares e a isso chamam de fé, mas é conveniente comentar: - que sadismo! É inconcebível que tal história tenha ocorrido de modo tão singular. Só pode ter saído da mente de um humano muito medíocre e não de um ser divino que teria feito a criação perfeita e em toda a sua história difundido no “seu livro” que o amor sempre deveria prevalecer. É crível que Eva

foi invenção de algum clube de homens que projetaram todo um contexto para justificar a submissão feminina e sempre deixar a mulher em uma posição inferior ao do homem, afinal, foi Eva, a suscetível, aquela que cedeu aos encantos do mau; aquela que ofereceu o fruto proibido a Adão, homem de muitos talentos, ocupado, trabalhador. Foi Eva!

Enfim, a fé cria qualquer coisa e as pessoas ratificam o que bem entendem, seja pela crença pura em algo superior, pela projeção da sua imperfeição em um ser perfeito ou simplesmente pelas tradições sociais que a acompanham por toda a vida. O ponto é que Eva foi a primeira mulher, no real ou no imaginário popular e todas as mulheres carregam a culpa do seu erro: - *terão dores de parto, terão que se sustentar com o suor do seu rosto*: terão que ser mulher. A mulher não é redimível de seus pecados, porque está condenada a ser mulher.

Seria esse o suspiro final da luta feminina ou essa seria simplesmente mais uma afronta que passará em branco para você Eva? Quem são estes que te afligem com grilhões forjados há tantos anos? Você foi tecida Eva! – Bordada! Te condenaram a ser Eva para que você nunca se tornasse mulher!

Mas quem pode te condenar a ser Eva? Quem pode descarregar tamanho fardo em seus ombros? Pode alguém te condenar a tal julgo? Quem seria capaz? – Estas opiniões são menores que a insignificância, mas quando você as vive, simplesmente você assume o papel de Eva.

Querida Eva! Querida mulher! Lembre-se: os julgamentos do mundo para com você são menores que a insignificância! É perceptível

as diversas vezes ao dia você se obriga a importar-se com os surreais, com os medíocres, com os fracos e com os medrosos. E quantas vezes você tem a oportunidade de importar-se com você e com aquilo que pensa ser coerente? “*Mulher nasceu para casar e ter filhos!*”; “*e os namorados?*”; “*isso não é uma escolha para uma mulher!*”. A sociedade a condena e não te permite ser mulher conforme teus instintos, teus amores, tuas guerras. Vai permitir isso até que dia?

A história de Eva nos leva a refletir que existem dois caminhos: - ser Eva ou ser mulher; e a questão é muito simples de se compreender. Você vive todos os dias como Eva; quem sabe, parafraseando o filósofo, você nem *conheceu-se a si mesmo*. Quem sabe Eva nem tenha existido e você deixa de ser mulher todos os dias para carregar o peso de uma história; talvez você seja apenas o traço de uma lenda mal contada. Quem sabe, Eva tenha existido e a história seja essa mesmo: - *Vá! A tua fé te salvou!* Quem sabe você nasceu Eva! Quem sabe, você nasceu mulher! Quem sabe você se tornou Eva! Quem sabe, você se tornou mulher! Quem é você?

Esta carta não é um ensaio à solidão, à revolta ou um mero incentivo à indignação. Essas poucas palavras são apenas linhas motivadoras para o amor próprio e para a reflexão do papel da mulher na sociedade. Isso não é um desmerecimento aos homens, à família, ao casamento, ou qualquer outra situação social que estamos inseridos, pois seria eu um completo inglorio ao escrever tudo o que afirmo. Se deseja, aceite o carinho de um homem, o aconchego de uma família e o

amor dos filhos; se não deseja, ou quem sabe tuas experiências não foram tão mágicas e perfeitas, siga a tua vida como quiser. Seja Eva se assim escolher! Seja mulher, se assim quiser viver! – O Autor.

Elton Paulo Dobrovolski¹⁶

¹⁶ Acadêmico do Curso de Engenharia Agrônoma da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP).

16

O Difícil “Peso” das Virtudes

Para muitos, essa época pode representar "etapa", seja início ou fim de uma. Mobiliza-nos emocionalmente para tantas questões envoltas em chegadas e despedidas, saudades e reencontros, e tantas outras coisas que nos surgem, sejam como "demônios" ou como "anjos", como "fantasmas" ou como "amigos imaginários". E quando isso é evidenciado em nosso pensamento, maduros que somos e não infantes, crianças que esperam com a certeza e com brilho nos olhos a magia desse momento/universo, que faz florescer e entorpecer só a felicidade para elas, em nós, o processo parece ser um pouco "fora de controle". Para nós, "adultos", faz com que saibamos certamente que, mesmo tendo o espírito voltado à sensibilidade da época, ao cuidado, ao respeito, à atenção, à preocupação, e até percorrido o assertivo caminho de todos os mágicos dias do ano em que respiramos, nos remete a sensações despreparadas, desatentas, turbilhando nossa mente, e porque não dizer, nossos corações. Podem, também, movimentar culpas, arrependimentos, desistências e medos, os quais, quem sabe, sempre estiveram longe, e sofremos por antecipação, e eles nunca chegaram. Sendo nós a serenidade em todos os dias, a sinceridade de todo o tempo, a verdade, a

honestidade, a intensidade, e até a impulsividade em nome da justiça e da correção, mesmo assim, é tão difícil ser sensível ao mundo hoje, e já há algum tempo. Nossa sensibilidade anda pregando peças em nós, anda brincando de esconde-esconde e estamos desacostumando dela. Nossa "preguiça" em procurá-la a deprime e a aborrece, pois quer que brinquemos e que sejamos perseverantes a ela. É tão bom encontrar a sensibilidade e dizer: "Achei você, agora estou com você, agora sou sensível, altruísta e verdadeiramente Humano." Seja lá o que esse "verdadeiramente" queira dizer. Estamos pesados, andamos pesados, uns mais, outros menos, porém, podemos muito bem parar, tirar o peso de nós, colocarmos ele ao lado e sentarmos um pouco à sombra para descansar, dar uma pausa na caminhada; "respirar". Sim! "Respirar"! Assim podemos alimentar, clarificar e organizar nossos pensamentos e dialogar com o medo, e, principalmente, com a dor. Só sentir a dor é ruim, é preciso que ela saiba o que pensamos dela e como podemos seguir viagem, ambos tranquilos. Não seria nada ruim se essa época, que nos mobiliza ao pensar o sofrido, mas, ao mesmo tempo, nos aproxima do alívio, e sendo também paradoxal, nos remete a nossa distante, porém, ainda visível Humanidade, houvesse sempre ao longo de nossos mágicos dias. Se sabemos que são mágicos, porque não fazer essa época ser a época de todo o tempo? ...de todo o espaço? Carregamos sim, pouco ou muito, leve ou pesado, grande ou pequeno, os nossos "Fenômenos". E não se enganem que as coisas boas, alegres e satisfatórias de nossas vidas, também não fazem parte desse imenso embrulho, "pesado", que

durante nossa caminhada, abrimos para retirar e abrimos para colocar algo. Muitas vezes, ainda, renovamos o embrulho, porém, as coisas "pesadas" continuam lá, alegres, tristes, satisfeitas, insatisfeitas, conquistadas, frustradas, vivas, mortas. Carregar tudo isso, não é a questão, pois, carregado é, e carregado será. Como se carrega, é que faz toda a diferença. Escrevendo isso, lembrei-me de Platão e seu Esquema, teologizado posteriormente pela Igreja Católica Apostólica Romana; as 4 Virtudes Cardinais: "PRUDÊNCIA", que nos remete à razão, discernimento; "JUSTIÇA", dar a quem de direito; "FORTALEZA", que dá força e concretude nas dificuldades e nas adversidades; "TEMPERANÇA", ser moderado e equilibrado, vontades e prazeres sempre observados, não como um mal, mas como algo que se volte sempre ao bem, seu ou de Outrem. Assim, todas essas virtudes são sempre pensadas ao Bem, e dele espera-se retornado. Elas não excluem o "peso" das coisas do mundo em nós, todavia, são as referidas sombras do descanso ao longo de nosso caminho. ...Por fim, só se pode ser Humano quem vê e faz o Outro, Humano! ...Só é Humano, quem dá o Direito do Outro ser, Humano! ...FELIZES ÉPOCAS MOBILIZADORAS PARA TODOS!

Edson Luís Nunes¹⁷

¹⁷ Bacharel em Psicologia.

Poesias, Contos e Crônicas: Direitos Humanos. Pitanga/PR: UCP, v.2, 2019

17

Direitos e Crianças: olhares transversos

Esta crônica é uma homenagem à Declaração Universal dos Direitos Humanos pelos seus 71 anos. Os 30 artigos que compõem esse documento, tratam de questões como a liberdade, a igualdade, a dignidade, a alimentação, a moradia, o ensino. Com o objetivo de garantir para qualquer ser humano, em qualquer país e sob quaisquer circunstâncias, condições mínimas de sobrevivência e crescimento em ambiente de respeito e paz, igualdade e liberdade.

Em tempos de tantas incertezas, de notícias que mais parecem ficção, eu, professora pesquisadora quis buscar um outro olhar. Questionava-me: Quais sentidos se hospedam na palavra DIREITO a partir do olhar de uma criança?

O país, ou quiçá, o mundo, está fadigado de conceitos engessados e verdades cristalizadas. Eu busco o respiro de um presente fecundo guardado na capacidade criadora da imaginação infantil. Meu desejo é saber:

Nesta escrita, aviso de antemão, permito que minhas palavras plainem além da informação, pois nelas quero que habite o canto. Concordo com o poeta Manoel de Barros quando diz “para cantar é

preciso perder o interesse de informar”. Nessa dinâmica produzida pela voz do poeta, que é a poesia, a criança escuta a cor do passarinho, potencializa a palavra com sua visão criadora, não sequencial, liberta a palavra da escravidão obediente, inaugura mundos, cria reinos e personagens para habitá-lo. É com elas que vou conversar.

Conversar. Conversar. Trocar olhares. Ouvi-las. Senti-las.

Assim como a gente conversa com alguém bem próximo e querido conversei com crianças entre 5 e 6 anos da Educação Infantil de uma escola pública no interior da Zona da Mata Mineira. Queria descobrir outros olhares, outros sentidos para a palavra DIREITO, uma vez que acredito que as crianças colecionam suas impressões diante do mundo. Elas desenham suas leituras de mundo, aquelas que precedem as palavras.

Ao desfiar os fios de uma conversa, o outro vai se revelando e vou enxergando o que ainda nem via... vou me encontrando nas palavras que abrigo dentro de mim mesma. Percebo que quando conversamos com o outro o que vivemos vai ganhando significado, as relações vão sendo constituídas, laços vão sendo formados no aprendizado mútuo.

Quero visitar o outro. Penso que o encontro com a alteridade pode ser uma versão oculta de mim mesma, com o meu avesso, aquela desconhecida que em mim habita, até o momento que me abro para a escuta. Ouvir a mim mesma ao me revelar para o outro. Estou em uma encruzilhada pessoal. Descubro que é justamente dentro do olhar expandido que me reencontro.

Desejo conversar com as crianças para que as mesmas falem de si. Ouvi-las em suas gestualidades, pois falamos com diferentes linguagens. Observo em pesquisas no cotidiano escolar que se fala muito nos Direitos das Crianças, porém, o que as crianças pensam e falam sobre os Direitos?

O que seria um Direito para a criança?

Quais Direitos elas gostariam de ter?

Como os Direitos das Crianças têm sido trabalhados no cotidiano escolar?

É comum o uso de cartaz com Direito e Dever, e quando os “deveres” se sobrepõe aos Direitos?

Quando os “deveres” suprimem os Direitos?

Quando penalidades são misturadas e confundem Direito e Dever?

Quando não poder brincar é uma penalidade por não terminar um Dever?

Como expandir os sentidos dos Direitos das Crianças?

Vou conversar com as crianças, encontrar com o que elas trazem em suas leituras de mundo, acredito que acrescentarão cores e nuances diferentes à palavra Direito. Com o olhar transversal, olhar de quem inicia um mundo novo, suas palavras alçam voos, pois não gostam das palavras desbotadas, mofadas, preferem àquelas que vibram e fazem cócegas na gente.

Acredito que ao se relacionar com o mundo, além de receber informações e impressões a partir do olhar do outro, a criança é capaz de compor seu próprio olhar sobre o mundo. Lógicas outras são lançadas.

Criança brinca, descobre e conversa com o mundo, e ao fazê-lo, também o subverte. Quanta sabedoria nesse pequeno ser. Quanta lógica há em: o ninho fez o passarinho. Não há métrica para esse saber das coisas pequenas. Delicadeza esculpida no olhar de quem vê debaixo. E ver debaixo não é demérito. É elogio.

Há criança que se conforma em deixar um rastro de pipoca, pois sabe que um passarinho encherá a sua barriga. Ela partilha também com a formiga. Fica um pouco intrigada em repartir com a barata. Mas cada um tem suas esquisitices.

Criança recolhe do chão os desperdícios, são gravetos, folhas e flores... carrega os achados e compõe artesanias. Entrega-os de presente a quem interessar, desejando que possa ser recebido pela importância de um tesouro.

Tesouro não é feito só de baús e ouro. É feito pelo que pode aquecer um coração. Pelo que faz o olho crescer de espanto e diminuir com o peso da lágrima... Há tanto admirar-se com as crianças.

Com as crianças vou enviesando o meu olhar ainda muito adulto centrado. Estou aprendendo a ver o mundo ‘debaixo’. Com esse propósito, provocada pelos sentidos desenhados através das palavras de Ruth Rocha no livro “O DIREITO DAS CRIANÇAS”, fui capturada.

A autora escreve esse texto em forma de poema, aborda temas importantes em relação ao direito das crianças:

*“Criança tem que ter nome.
Criança tem que ter lar.
Ter saúde e não ter fome.
Ter segurança e estudar”.*

De forma lúdica e poética, nas palavras encontrei um percurso sinuoso, feito brincadeira de criança. Nele percorri com... Poesia... Criança... Ser humano.... Direito... Conversa... Tudo junto. Entrelaçado. Dentro do cotidiano escolar.

O que é um direito?

As crianças começaram a falar ao mesmo tempo.

Então, falei que temos o direito de falar e ser ouvidos.

Esse é um direito que temos e que precisa ser respeitado.

Diante dessa fala, as crianças perceberam que precisávamos nos organizar, combinamos que ao ter vontade de falar, elas levantariam a mão, e assim, iríamos proceder para que todos pudessem falar e serem ouvidos.

Pedro falou: - *Direito é arrumar as coisas, arrumar o quarto e também arrumar qualquer coisa “direito”.*

- *É ficar com muita educação, não fazer bagunça* – falou Raíssa e ainda completou: *É ter o direito de aprender a não fazer bagunça na sala de aula.*

- *É não poder fazer bagunça* – falou Lucas.

- *É dividir o sanduíche com o amigo* – falou Pedro.

- *É deixar a cama arrumada e não pular em cima de uma cama arrumada* – entrou na conversa novamente Pedro.

Pergunto o que é ter um Direito.

Emanoel respondeu: - *É ter direito a educação.*

- *Eu quero ter o direito para ir à escola*, disse Raíssa.

- *É respeito* – disse Emanoel.

Rafael disse que ter direito é cuidar do cachorrinho e poder brincar com ele.

- *É pedir, por favor e “dá” licença* – Raíssa respondeu.

Pedro completou: - *Também bom dia, boa tarde, boa noite.*

Perguntei: *Qual direito que vocês já reconhecem que têm?*

Raphael disse que conhece o lado direito.

Jasmim disse que é o direito de voltar para casa.

Pedro disse que conhece o direito da amizade.

Tânia Mara disse que é saber que tem o direito de ter amigos na escola.

Essa conversa se faz como possibilidade de abrir janelas para que eu possa avistar outras paisagens, outras cores na palavra DIREITO, a

partir de um prisma diferente, o olhar das crianças da Educação Infantil de uma escola pública no interior de Minas Gerais. Qual seu sentido?

Meu intuito ao conversar com as crianças é enxergar o olhar que as mesmas têm sobre DIREITO. Os significados da palavra DIREITO que as crianças teceram não foi entregue às mesmas a partir de um conceito estático, inflexível ou pronto, foi fiado, tramado em uma conversa, como num jogo de bola, a bola é lançada, quica e alguém pega, e ao pegar lança novamente, e assim foi a trama para pensar os sentidos que habitam suas leituras de mundo.

Então, dando continuidade à minha conversa com as crianças, li “Os direitos das crianças” de Ruth Rocha’. Todas ouviram com muita atenção, estavam com os olhinhos atentos como se estivessem vislumbrando a fada Sininho e o seu pó mágico cor purpura.

Conversamos sobre os direitos que Ruth Rocha compôs e perguntei: Quais os direitos que estão na poesia e que elas gostariam de ter?

Lucas foi logo dizendo: - *Eu quero ter o direito de pisar no barro e brincar na rua!*

Pedro: - *Eu quero ter o direito de andar na chuva e comer morango.*

Tânia Mara disse: - *Quero ter o direito de pular corda.*

Raíssa disse: - *Quero ter o direito de ver o mar.*

Maria Vitória disse: - *Quero ter o direito de brincar no quintal e pegar frutas.*

Pedro disse: - Quero ter o direito de ver a estrela cadente. E disse que já viu uma, mas quer ver de novo para fazer um pedido.

Greiciely fez uma observação. Ela disse: - *A moça do livro disse que criança é para ser feliz e alegre.*

Após esta conversa perguntei: Qual direito que vocês gostariam de ter e não têm?

- *Eu acho que é de brincar* – disse Rafael.

- *Ter uma casinha* – respondeu Cecília.

- *Cuidar da família toda* – respondeu Rafael.

Pedi para as crianças completarem a frase: Eu quero ter direito a:

- *De chupar picolé* – respondeu Cecília.

Emanoel disse que gostaria de ter respeito.

Cecília disse que ter o direito de cuidar do cachorro dela e dar água a ele.

- *Comer uma pizza com toda minha família* – respondeu Maria Vitória

Raíssa disse que ter o direito de ir para a escola.

Embaladas no movimento que a poesia provoca, as crianças romperam muros e grades da dona “explicação” e voaram nas asas da imaginação. Talvez pelo fato de que a poesia seja tecida por linhas e fios colhidos no universo da fantasia, sua essência gruda em quem a lê e

juntos transpõem as paredes da informação, vão além. Ganham asas. Voam.

Na poesia as palavras bailam... A palavra do poeta mesmo perto de nós ecoa para o longe. Nela voamos, pois hospeda delírio. Palavras que não se prendem à forma e ao significado literal vivem soltas e livres se arriscando em itinerários imprevistos e inesperados, não querem a segurança dos mapas que as amarram e as sufocam, preferem apontar outra forma de olhar.

Como num jogo de bolas lançadas aos participantes, Raphael disse que conhece o “lado direito”. Ele ressignificou e deu sentido à função desta palavra de acordo com sua experiência, com seu modo de ver e perceber o seu mundo. São leituras de mundo que se cruzam e se entrelaçam seguindo percursos de pensamento, linguagem e, sobretudo, sensibilidade, produzido a partir do próprio movimento das leituras colhidas em seu mundo.

Direito é *“dividir o sanduíche com o amigo”*, é também *“não poder fazer bagunça”*, é *“deixar a cama arrumada e não pular em cima de uma cama arrumada”*.

É tudo isso. Talvez seja esse o caleidoscópio de uma educação como exercício crítico na qual a criança tece sua “experiência”, tece seu olhar e descobre a possibilidade de conversar com o outro e com o mundo. Mundo esse, sempre sujeito a muitas ressignificações.

Gostaria de esclarecer que falo de “experiência” enquanto algo que nos afeta, e ao nos afetar provoca tremores. Tremores como

terremoto. Os pés sentem vibrações que alteram o já vivido. Já não sou o que eu era. E ainda não sei o que posso ser. Sou um viver ‘entre’. É desconcertante abandonar o lugar confortável do sabido e lançar-se ao novo. A outros saberes. Como aprender que, talvez, o olhar “debaixo” seja mais próximo ao infinito, ou ao ínfimo. Depende de onde eu avisto e como avisto.

Aprendi com meus livros de cabeceira, aqueles que ocupam um lugar especial em minha vida e que ampliam meu sentido de viver, que se sonho com uma educação democrática, não é falando aos outros, impositivamente, de cima para baixo, em sentido vertical, transmitido minhas próprias verdades que minha palavra vai afetar quem me ouve. Ouvir a criança, compreender seu olhar abre caminhos para uma relação pautada na confiança. Quando todos nós entendermos a criança, como sujeito de nossa escuta e não como objeto de nosso discurso, a feição da sala de aula mudará, pois conversaremos com a criança, enxergando-a como sujeito. Aí acontecerá o encontro.

Encontros que gestam sentidos outros.

Encontros em que juntos somos mais.

Encontros em que nossas fogueirinhas, juntas, iluminam os nossos sonhos.

Minha conversa com as crianças não foi pautada em um discurso cru assim como desejam as ciências exatas ou o método cartesiano. Também não tenho interesse em analisar suas palavras ou fazer um diagnóstico frio do que disseram.

Meu desejo é conversar. Ouvir a palavra do outro. Palavra que chama outra palavra. Palavra de Pedro que esbarra na de Lucas e puxa a palavra de Raíssa e que se encontra com a de Emanuel.

Será que é por abrigarem um modo diferente de olharem para o mundo que as crianças dão novas liberdades às suas palavras?

Acredito que para gerar encontro as palavras precisam abrigar a infância. Ao dizer as palavras, as crianças pronunciam seus mundos e os transformam, trazem significado enquanto sujeitos e se tornam livres.

Seria possível aprender com as crianças a tirar a ferrugem de nossas palavras e permitir que suas sementes se rompam dentro de nós germinando um novo modo de significar? Quem sabe precisamos envergar nossas palavras? Espremê-las? Arrastá-las, até que possam estar a ponto de voo para reinaugurar a vida e recomeçar a cada suspiro? Carecemos de palavras que prolongam a vida, aquelas que nos fazem respirar diferente. Aquelas que trazem frescor.

Lembro-me da natureza e sua resistência frente à destruição que a persegue. Existe uma folha que abriga uma semente, e quando chega a sua hora, sua tonalidade ao secar dá indícios de quando, possivelmente, vai acontecer, mas o relógio da natureza é outro, é singular... então, em um belo dia a semente gestada rompe a casa/folha e é lançada ao mundo, alcança seu voo, descobre o mundo e o fecunda... e o ciclo se inicia novamente, nunca igual, sempre diferente.

Partilho em comemoração aos 71 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos palavras de crianças, que falam, dentre tantos

temas caros à sociedade, do sonho de crescer em família, brincar, ter uma casa, ter respeito, segurança e liberdade para ir e vir... e Direito à Educação, elas querem ir à escola, aprender a ler e escrever sua cultura, história e geografia, proferir a palavra mundo amparada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos.

*Cristiana Callai¹⁸
Ana Isabel Ferreira de Magalhães¹⁹*

¹⁸ Pedagoga/Especialista em Educação Infantil/Mestre e Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense - INFES/UFF. Professora do Curso de Pedagogia - INFES/UFF. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino - INFES/UFF. Linha de Pesquisa Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes.

¹⁹ Graduada em Letras – Português e Literatura/Especialista em Língua Portuguesa e em Ensino de Leitura e Produção Textual/Discente do Programa de Mestrado em Ensino pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Poesias, Contos e Crônicas: Direitos Humanos. Pitanga/PR: UCP, v.2, 2019

18

Docência e seus desafios – uma reflexão

As reformas educacionais surgem no contexto das transformações produtivas, a prática docente atinge o mundo do trabalho, bem como das relações sociais, trazendo consigo uma enorme competência visto que a prática do ensino seja ele superior ou aqueles abordados nos anos iniciais da infância tendem a contribuir gradativamente e de forma muito eficiente na formação humana. Adquirimos e reproduzimos as informações e práticas adquiridas no decorrer da vida educacional.

A escassez de atenção na formação docente em conjunto com os desafios da contemporaneidade, desafios estes que têm atraído a nossa sociedade a profundas transformações, provocadas pela revolução da tecnologia, da informação e comunicação, transformações que afetam a vida cotidiana da sociedade bem como, afeta o ensino superior, a construção e organização do conhecimento e a valorização do processo educacional nos fazem refletir e remete a sociedade a um contexto de alerta.

Não há como a sociedade fechar os olhos para o caos que se encontra a educação desse país com a onda de violência e indisciplina

que se incorporou em muitas escolas. Por fim, é possível dizer que muitas são as dificuldades da prática docente. Mas, ainda que pese a falta de reconhecimento e incentivo por parte dos governantes e de uma parcela da sociedade, apesar das dificuldades cotidianas referentes à falta de recursos no setor educacional, das limitações pessoais de cada indivíduo, continua valendo a pena ser professor, pois estamos contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes e que permanecerão na busca incessante por melhores condições de existência, manutenção da sociedade e por uma educação de qualidade.

José Alexandre Telles²⁰
Crislaine Telles²¹

²⁰ Graduado em Medicina Veterinária/Acadêmico do Curso de Pós-graduação em Didática e Docência no Ensino Superior da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP). Coordenador da Clínica UCPVET.

²¹ Bacharel em Direito e Licenciada em Pedagogia.

Poesias, Contos e Crônicas: Direitos Humanos. Pitanga/PR: UCP, v.2, 2019

19

Em terra que tem Escolas, tem Palmeiras onde canta o Sabiá

Era uma vez, um país cuja dimensão geográfica 'quase' lhe dava status de Continente. Era uma vez, uma democracia que outrora não existia, em terra tupiniquim, que já foi de rei, rei que chegou e já disse "Diga ao povo que Fico", fico, sim. Terra que tinha seu dono, mas, não tinha sua Escola. Escola que ensinasse a produzir obediente, a ler e escrever o 'texto do rei'. Rei que pensa pelo menino, e pelos pais do menino, o moço e a moça que devem trabalhar e ganhar em troca, quem sabe, 'um espelho e uma galinha'.

E, agora que de navio chegou a cultura, logo, o escambo: troca-se ouro, árvore, terra, trabalho e liberdade, por escola que doutrina, comida pouca, permissão para banho no rio que já lhe pertencia, pescar o peixe que já estava ali, ficar por ali, terra que agora tem já igreja erguida, riqueza transportada, fé ensinada e gente mandada.

[...]

Na pausa do texto em verso doído, na pausa de uma história que quase parece ficção, tem trecho de uma outra forma de reflexão...

A história da educação é naturalmente marcada por oscilações e situações de seu contexto político... Função inestimável (a da Educação) e não há como negar que se torna um dos meios de maior importância, não apenas individualmente, mas também na ordem social como um todo. No Brasil, a educação formal teve seu início com as investidas dos jesuítas, quando da catequização dos índios, trazendo uma forma de educar àqueles que antes não conheciam outra cultura que não a sua. Com a evolução da sociedade brasileira, e a adição da mão de obra escrava, é possível perceber que o direito a educação não se estendia a todos.

Em um país como o Brasil, com toda a sua história social e cultural conturbada, com períodos de recessão e todos os demais momentos históricos que se conhece, ter a educação como se tem hoje, permitindo o acesso de uma maneira ampla, é conquista, é avanço. Isso é visível no sistema educacional financiado pelo poder público, dando ao direito à educação um patamar de direito fundamental que vai além da educação básica gratuita.

Assim, com a comemoração dos trintas anos do direito à educação, percebe-se que o país tem a sua condição de reconhecimento tão nova quanto a própria declaração. Isso porque, fora por meio da promulgação da Constituição Federal de 1988 que a preocupação com a erradicação do analfabetismo se mostrou presente, tornando a educação, então universal, ou seja, um direito de todos. A educação passou a ser

possível para todo e qualquer cidadão poder vir a ter acesso a uma escola em qualquer das séries/níveis possíveis, bem como no ensino superior.

Dessa maneira, a importância do direito à educação se mostra em toda a evolução que veio a sofrer no decorrer dos anos, fazendo com que os indivíduos, ainda que sem recursos pudessem vir a ter acesso ao conhecimento, a uma profissão, a exercê-la e melhorar a sua própria condição de vida. A sua dignidade. A sua condição como Homem. Como Mulher. (Quase)Inteiros em suas possibilidades.

[...]

Na pausa das linhas da história, na pausa das palavras de um(a) idealista, segue trecho final de um 'lugar' que cisma em cantar e sorrir, porque tem gente bonita que conquista sem desistir.

Uma história de um 'país longínquo', que tem praia descoberta por engano (Só queriam especiarias, só erraram o caminho da busca por especiarias, disserem eles). 'Foi sem querer', repetiram eles. Uma terra em que "as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá". Mas, também 'foi sem querer' que eles ficaram. Foi 'sem querer' que a educação 'não' construiu a história dessa nação. Foi 'sem querer' que o capital, o 'espelho dado de presente', fez o silêncio do índio obediente, fez o negro machucado, abriu a porta para 'o choro' determinado do imigrante...

Mas, em "terra que tem palmeiras, onde canta o sabiá", emerge beleza toda manhã. E, emerge a beleza e a identidade de um povo 'misturado'. Misturado de cultura, de cores, de suor, de força. Em pé,

ergueu a cabeça e gostou da escola que 'o branco trouxe'. E, houve os professores e os livros que amaram a boa semente, que germinou e compreendeu que pode ser 'carvalho'. Tem raiz. Mas, enxerga o céu. Se 'sabe ler', agora o compreende. E, terra e céu, são seus. Se o menino, e os pais do menino, o moço e a moça quiserem, vão todos a escola. Isso, o rei não decide mais.

Essa gente misturada, com caderno e livro, agora entende o que o rei diz e o que ele não diz. E, sabe que algo só é bom, de fato, se for bom para a maioria. Ah, sim, a Democracia... Não há mais rei. Não lá, no país longínquo desta história... Há outros líderes. Aqueles que o povo 'escolheu', diziam eles. Mas, as vezes, também 'se enganam' (e, voltam a ser enganados). Por sorte, podem vez ou outra 'reescolher'. E, (re)escolher líderes que compreendam a importância da Educação para esta nação. E, podem escolher aquele tipo de liberdade que só a educação pode lhes assegurar. Agora sabem disso, os que vão à Escola. E, eles são muitos. Compreendem que para 'ser rei ou rainha' em suas 'próprias terras' (e, vidas), é preciso ser livre (e, ter livro). É preciso aquele tipo de liberdade, de autonomia e de 'saber pensar', que não autoriza nada que possa ferir quaisquer de seus direitos. Nem o de seus pais e avós. Nem os de seus filhos e netos. Nem os do moço que namora outro moço. Nem os da moça que se expressa pela arte. [...] Nem os de ninguém.

Em terra que tem Escola, “tem Palmeiras onde canta o Sabiá”²².
E, tem Carvalhos. Raízes e Céu.

*Ronald Ludke*²³
*Sônia Maria Hey*²⁴

²² Cf. DIAS, Gonçalves. **Canção do Exílio**.

²³ Acadêmico do curso de Direito da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP)/Acadêmico do Curso de Pós-graduação em Didática e Docência do Ensino Superior da Faculdade UCP.

²⁴ Coordenadora Acadêmica da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP).

20

Femicídio – Parte 1

Quando amanheceu, as cobertas estavam no chão, todas reviradas. Ela sente frio. Sem abrir os olhos, ela pensa em todos os sonhos que se amontoaram em seu ser e que agora pareciam nunca ter existido. Ela olha uma mancha de umidade na parede, sente o roçar áspero da manta em seu rosto e percebe que está com a face machucada. Abre os olhos, sabe que alguém está ao seu lado na cama. Há uma respiração quase pungente, com odor de álcool que invade o quarto. A luz do dia dissipara o horror da dor e dos gritos que antes envolvera o recinto. Ela vivencia uma sensação de desordem e absoluto abandono. Quando ele acordar ela pedirá que vá embora. Isso ela tem certeza. Sim, ele deve desaparecer de sua vida. Ela não suporta mais tanta dor e angústia, tanta miséria e promessas não cumpridas. Essa certeza é interrompida pelo choro do filho na peça contígua. Ela pensa em como irá sobreviver sozinha com o filho. Enquanto imagens tristes perpassam seus pensamentos a criança volta a dormir. Ele acorda, a olha com imenso arrependimento. Faz novas promessas e reafirma as antigas. Ela, ainda transpassada pela mágoa, mas esperançosa do futuro, comove-se com tantos juramentos. Movida por esses falsos votos a sua vida volta à rotina. Os dias transcorrem lentamente, porém, a vida cotidiana amarga os sonhos. Uma noite quente de verão, às vésperas do Natal, ele chega em casa ébrio e

violento. Copos são quebrados, móveis arremessados. Ela tenta fugir. Ele a segura e a arremessa pela janela do 10º andar. Ao ver seu corpo estatelado no chão ele enlouquece. Agora não existem mais promessas. Ao cair ela sente o pavor e depois resta apenas o nada.

*Tatiani Maria Garcia de Almeida*²⁵

²⁵ Graduada em História, Pedagoga e Bacharel em Direito/Discendente do Programa de Doutorado em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná/Coordenadora do Curso de direito da Faculdade de Ensino superior do Centro do Paraná (UCP).

21

Feminicídio – Parte 2

Com ela é sepultado todo um futuro. Ah, sua casa que acabara de planejar da forma que sempre sonhou... Ficou. Não há explicação, nem desculpas, nem justificativas para seu triste fim. Ninguém tem poder ou o direito sobre a vida de alguém. Que morte cruel. Seu filho viu seu último suspiro, criança pequena. Corre até vizinhos e parentes para pedir ajuda. Clama e implora para que não a deixe a mãe morrer. Junto dele, está a vó, pobre senhora, sofrida da zona rural, vê sua filha morrer de uma forma totalmente brutal e desumana. Desesperada grita para que chamem socorro, mas a filha na ânsia da morte diz suas últimas palavras: “Não precisa mãe, estou acabando de morrer!” Agora dezenas de homenagens nas redes sociais, notícia das redes de televisão, centenas de pessoas em seu velório, toda comunidade consola a família. E ela ali, dentro daquela urna, não ouve ninguém, nenhuma lágrima, nenhum choro, nenhum grito, frase de consolo ou reivindicação por justiça. Na semana da mulher é homenageada e lembrada. Agora? Agora que tudo cessou? Sonhos, futuro, o direito de criar seu filho, direito a vida... Agora, não há necessidade. Nem a pena mais dura, não a trará de volta ou amenizará os danos causados à criança. Nada reparará o que sofrera. Nada. Tudo

acabou para ela. Vossos ouvidos, oh escutai o alto grito sem som desta mulher, e de tantas outras que não sabemos, ou que ainda estão escondidos, perdidos, doloridos, cicatrizados, feridos, calados ou em seu último suspiro.

*Harryson Jonas da Silva de Almeida*²⁶

²⁶ Acadêmico do Curso de Direito da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP).

22

Holocausto: A Gênese dos Direitos Humanos

*Os direitos apenas são valorizados
quando as liberdades deixam de existir.*

De todas as atrocidades cometidas pelo homem, talvez, nenhuma chamou mais a atenção que as ocorridas nos campos de concentração nazistas espalhados pela Europa. Em sofrimento, seria desumano afirmar que os *gulags* na União Soviética, os campos japoneses na China, os atos eugenistas norte-americanos ou quem sabe as especuladas prisões na Coreia do Norte causaram (ou causam) mais ou menos dor ou que foram ou são menos ou mais genocidas, mas, neste enredo, serão relatados algumas situações que ocorreram nos campo de concentração nazistas, baseado em testemunhos e biografias. Os direitos apenas são valorizados quando as liberdades deixam de existir. A declaração universal dos direitos humanos apenas firmou-se no pós segunda guerra mundial, em 1948 e, os fatos narrados a seguir, como milhares de outros similares, sem dúvidas, foram o baluarte para concretização deste documento tão valioso às nações. É preciso que o mundo saiba em todas as épocas até onde a maldade humana pode chegar.

Nove de Novembro de 1938. Começava a *Kristallnacht* (noite dos cristais): o início do extermínio do povo judaico que vivia na Alemanha e nos países vizinhos. Foi uma noite de terror em que pontos comerciais e residências judaicas foram invadidas, saqueadas e as pessoas humilhadas em praça pública. No dia seguinte, sinagogas em chamas, prisões sumárias, terror. As leis antisemitas estavam em vigor há tempos. Os judeus já estavam restritos à uma vida sem muitas regalias. Já tinham perdido a cidadania. Começaram naquela noite a perder a dignidade.

Ouviu-se uma voz trêmula, perguntando o que estava acontecendo. Ao afastar-se da janela em direção à porta, escutaram o vidro estilhaçar em mil pedaços. Do quarto, além do vento quase gélido que penetrou o ambiente, as gargalhadas e berros jocosos vindos da rua ecoavam por todos os lados. Em toda a rua era possível ouvir os gritos das mulheres, o choro das crianças, até mesmo o desespero dos cães, que ainda não haviam sido proibidos de pertencerem aos judeus. Pelas frestas, era possível ver os clarões de incêndio por toda a rua. Muitos chefes de família eram espancados, tinham suas barbas raspadas e eram humilhados de todas as formas possíveis. – A Alemanha não poderia ter descido tanto!

“Era mais cômodo culpar os comunistas do que encarar a realidade. A Alemanha se tornara uma nação alienada com olhar embaçado para o futuro”. O que mais doeu no povo judaico não foi toda a sorte de dores que enfrentaram, mas o que atingiu em cheio, sem

dúvidas, foi a indiferença do povo alemão para tudo o que estava acontecendo, mesmo entre aqueles que não eram filiados ao partido. Pessoas que antes eram vizinhas umas das outras, crianças que brincavam juntas, médicos judeus com seus pacientes alemães, namorados, maridos e mulheres, agora estavam divididos. Hitler havia convencido uma nação inteira que seria capaz de criar um império de mil anos. Os judeus eram os culpados pela queda e a péssima recuperação alemã durante e após a grande guerra, o que tornou este bode expiatório o motivo fundamental que foi profundamente difundido e acreditado por toda a Europa. A noite dos cristais apenas iniciou os primeiros atos de violência contra uma geração inteira de inocentes. Os alemães somente deram o “*start*” para o ódio recém-inflamado. Os países que foram invadidos pelos nazistas não se opuseram à deportação dos seus judeus, pelo contrário, incentivaram. O ódio já estava disseminado.

As ruas da Alemanha estavam tomadas por um sentimento ufanista que era visível nas bandeiras vermelhas e de símbolo preto espalhadas por todos os prédios das cidades. Hitler havia sido eleito com o voto de um terço da população desempregada. Em pouco tempo, os trabalhadores alemães que antes passavam fome, trabalhavam por salários miseráveis e não eram “ninguém”, agora, cinco anos após a ascensão do *Führer*, viajam de férias, iam ao teatro, praticavam esportes, podiam comprar carros e imóveis. A promessa de Hitler estava a caminho. Essa era a nação alemã, o império prometido que ascendia como um titã imparável, com força descomunal, esmagando e pisoteando

tudo o que ousasse atravessar o seu caminho, sem misericórdia ou remorsos. Os empecilhos eram os judeus, pessoas com deficiências, homossexuais, comunistas e todos aqueles que poderiam ser uma ameaça ao titã. Os *pogroms* haviam começado.

Em 15 de maio de 1942 os judeus foram proibidos de serem donos de animais domésticos. Quem possuía, não poderia doar a um vizinho; só era permitido cumprir a lei sacrificando o animal. Isso, apesar de altamente hediondo, foi apenas uma das leis antissemitas impostas aos judeus. Tudo era arquitetado para que o sofrimento dos judeus sempre estivesse em alta. As leis proibiam os casamentos entre judeus e alemães, além de invalidar os já existentes; mas o que foi piorando com o tempo eram os decretos quase que diários, que limitavam a vida de todas as formas possíveis. E não apenas as proibições, mas os confiscos foram sumários. Os judeus foram proibidos de possuírem bens imóveis, objetos de valor ou qualquer utensílio que permitisse a comunicação ou que dessem o mínimo de conforto, como rádios, telefones, câmeras fotográficas. Nem fogões elétricos ou a gás eram permitidos de serem utilizados; nem flores, nem alimentos de qualidade nos supermercados e feiras, nem o direito de andar nas calçadas, reservados até mesmo aos cães de rua estavam disponíveis aos judeus: - a sarjeta era o “lugar” deles. Mas a cada dia, o pior apenas rondava os milhões de inocentes de toda a Europa.

Os nazistas foram brilhantes em seu plano destrutivo. Foram eficazes, não somente em matar, mas em destruir com a dignidade

humana. A vida nas cidades estava um caos. Polônia, França, Bélgica e outros países vizinhos já haviam se curvado aos alemães. Mas, a “solução final” mal havia iniciado. Por toda a Europa, começaram a criação de dezenas de guetos, que serviam para a morada provisória dos judeus. Todos eles foram removidos de suas casas e aprisionados nestes lugares horríveis. Lá, a vida se tornara quase impossível. Não era suficiente apenas matar um povo, era preciso exterminar sua dignidade antes de puxar o gatilho, fazer com que sofressem amargamente e que deixassem de acreditar que eram seres humanos.

Muitos guetos ficaram famosos por suas histórias horripilantes, como o de Varsóvia, na Polônia, mas, outros foram criados em dezenas de cidades e suas histórias também precisam ser contadas. O gueto de Nagyvárád, região da antiga Oradea, na Hungria, teve também seus infelizes habitantes e garantiu sua sombra na história.

Além das milhares de execuções sistemáticas que estavam acontecendo por toda Ucrânia, Polônia, Lituânia e Hungria, com filas enormes de pessoas nuas, mulheres, homens e crianças que aguardavam por horas sua vez de cavar suas valas e tomar um tiro na cabeça, tarefa essa que se seguiam por meses e são relatadas até hoje por testemunhas oculares ou até mesmo pelos algozes, os guetos iniciavam suas atividades como residência temporária aos milhões de judeus que ainda não haviam tido a “oportunidade de morrerem”.

O gueto de Nagyvárád, iniciou suas atividades por volta de 1940, recebendo milhares de judeus de toda a Hungria. Foi administrado pela

polícia húngara, os gendarmes: *“O Gueto é guardado por gendarmes. Os gendarmes atirarão nos que deixarem a área sem autorização ou forem apanhados em locais proibidos”*. – Afirma o artigo I do documento instrutivo ao gueto; *“Os homens têm de tirar o chapéu e baixar a cabeça, de forma polida, toda vez que passarem por um oficial húngaro ou alemão, independentemente da patente. Se forem chamados, devem permanecer imóveis, em sinal de atenção, com a cabeça descoberta. Quando um oficial entrar em um cômodo, o primeiro que o vir tem de gritar “Atenção!”*. Todos devem parar imediatamente o que estiverem fazendo. O chamado vale também para as mulheres. O chefe do cômodo e o chefe da casa têm de se apresentar à maneira militar”. – Artigo X do folheto instrutivo.

A vida no gueto era um verdadeiro inferno. Os nazistas eram exímios em criar regras e fazer com que fossem cumpridas. Os judeus não podiam ter contato com ninguém de fora dos muros. Recebiam rações mínimas para a sobrevivência e nada poderia entrar naquele confinamento. Medicamentos, alimentos, roupas ou qualquer outra coisa era expressamente proibido. Estavam amontoados em mais de 70 pessoas por cômodos, espalhados por uma dezena de prédios e casas, com seus banheiros entupidos, água escassa e racionamento de energia elétrica. Após as 20 horas a luz era cortada e o breu tomava conta do tudo. O silêncio era obrigatório e a saída dos locais indiscutivelmente proibido. Os banhos eram praticamente impossíveis de acontecerem. É imaginável o odor que existia constantemente por todos os lugares. As

As pessoas ficavam doentes a todo o momento e morriam com grande frequência. As crianças e os idosos sucumbiam primeiro. A fome era inimiga, mas o tifo, a disenteria e toda a sorte de doenças assolavam o gueto de todas as formas. Era comum tropeçar em cadáveres caídos ou jogados nas calçadas. As pessoas se esbofeteavam por uma porção a mais de comida. Tiravam a vida do outro somente por um pedaço de pão volumado com serragem. Os guardas, que constantemente vigiavam, divertiam-se ao ver tais cenas e muitas vezes incentivavam a violência. Quando os “moradores” não estavam em guerra, os guardas açoitavam e humilhavam quem bem entendessem. Eram tratados pior que os animais mais odiados. Além das surras distribuídas gratuitamente nas ruas, regularmente, alguém era suspeito de possuir algum ouro ou joia escondido, então era levado pelos gendarmes às escondidas dos guardas alemães para algum local e torturados das piores formas imagináveis para revelarem onde estariam as pequenas fortunas. Os guardas eram espertos e conseguiam tirar das barras de vestidos, bolsos falsos e de qualquer lugar pensável, algumas pedrinhas de diamante, brincos e moedas. A tortura conseguia respostas. Os judeus estavam aos poucos deixando de serem humanos. A dignidade estava desaparecendo. Não poderia ficar pior.

Já era 31 de maio de 1944 quando o gueto começou a ser esvaziado. Jogados em trens de carga, amontoados num espaço pequeno, quente, fétido e inóspito, os mais de 80 judeus por vagão, começaram a serem deportados. Cada unidade recebia um balde com água e outro

balde para ser usado como latrina. O vagão lotado e quente durante o dia fazia com que as pessoas tirassem quase todas as suas roupas. A vergonha e o cavalheirismo há tempos haviam sido esquecidos. O ambiente estava impregnado pelo cheiro de fezes e urina. O balde latrina, de mão em mão passava até ser despejado para fora do trem pela pequena janela; de vez em quando, com o balançar do trem e o descuido de alguém, o balde virava, espalhando seu conteúdo pútrido pelo chão, o que nauseava ainda mais os pobres coitados que ali estavam. A água, não durou nem algumas horas. Crianças choravam sem parar. Panelas e outros utensílios se tornaram latrinas. Os pedidos de ajuda para os guardas eram em vão. O trem continuava sua viagem pelos próximos quatro dias. De vez em quando, uma parada para reabastecimento e o líder de cada vagão poderia encher quantas vasilhas pudesse num espaço de tempo determinado. Tentativas de fugas fulminavam na morte de pelo menos 10 pessoas do vagão. Fugas bem sucedidas, resultavam na execução de todos do vagão. Raramente alguém ousava tal feito.

As fezes ressecadas nas nádegas, o cheiro insuportável que tomava conta do trem. A sede e a fome que atingia a todos. Alguns mortos dentro do vagão. De repente, o trem reduz a velocidade. Já era o quarto dia de viagem. Estavam na última parada. A composição freia. Do lado de fora, muitos guardas, cães latindo ferozmente. Pela janela, ainda no escuro da madrugada é possível ver uma chaminé fumegante. A porta do vagão se abre. Os gritos começam. Uma prancha é colocada na porta e as pessoas começam a descer. Aqueles seres que um dia foram

médicos, engenheiros, donas de casa, professoras, crianças que brincavam no parque, agora eram maltrapilhos fedidos: judeus. Condenados à prisão somente pelo fato de pertencerem a um povo odiado, seja diretamente, de pais e avós judeus, ou que eram no mínimo um quarto judeus ou ainda, àqueles que se recusavam a aceitar a anulação de seus casamentos.

Um oficial elegantemente vestido está em pé no alto da plataforma: ele é o médico Joseph Mengele, o anjo da morte. Neste instante, os exaustos viajantes começam a serem separados. Homens com mais de 15 anos de um lado, mulheres e crianças do outro. As famílias são despedaçadas. As duas filas se alinham e começam a passar pela frente de Mengele, que sutilmente olha para cada corpo imundo e aponta com o dedo: - para a direita; para a esquerda. Que pena se soubessem, mas não mudaria em nada o destino deles, mas aqueles que eram escolhidos para ir para esquerda, os aparentemente doentes, velhos e crianças, simplesmente eram mandados diretamente para as câmaras de gás. Os que iam para a direita, eram enviados aos trabalhos forçados. Ali, naquela plataforma do campo de concentração de Auschwitz-Birkenau (Polônia), milhões de famílias se destroçaram; ali, em frente a Mengele, milhões de pessoas choraram e olharam para aqueles que mais amavam pela última vez. Bebês e crianças de colo foram arrancadas dos braços dos pais. Avós que antes mimavam seus netos, agora, como cordeiros eram encaminhados ao matadouro. As câmaras de gás imediatamente faziam seu trabalho maléfico com o gás Ziklon-B; em

seguida, os fornos crematórios urravam em queimar cada um daqueles que subiam a rampa pela esquerda. A fumaça densa tomava conta do campo. Nevavam cinzas. O cheiro da morte era único. Era adocicado e repugnante.

Os que foram para a direita, separados entre homens e mulheres estavam destinados a alojamentos diferentes, mas passavam por um mesmo processo de recepção. Na maioria das vezes, os homens iam para Auschwitz, que era um campo de trabalho e as mulheres para Birkenau, um campo anexo, feminino, em que o real objetivo era exterminar. Foram mandadas para os chuveiros. Tiraram suas roupas na entrada. Aquelas que se negavam eram espancadas. A nudez não seria mais um problema de agora em diante. Entraram nos lavatórios. Duchas de água gelada na madrugada arrancaram gritos das mulheres, o que propositalmente era intercalado com jatos de água fervendo, para diversão dos guardas que viam as peles ficando vermelhas com as queimaduras, além das piadas mais degradantes possíveis.

Em seguida, foram encaminhadas para o corte de cabelo e fumigação. Todo o cabelo retirado das prisioneiras era mandando para as fábricas. Alguns, de melhor qualidade, serviam para perucas, o que era artigo de luxo entre as mulheres de Berlim. Já carecas, então tinham suas partes íntimas revistadas. Recebiam uma roupa listrada, padrão de Auschwitz: grande demais ou pequena demais. Conseguir um sapato do número correto do pé era luxo. Todas receberam uma tatuagem no braço esquerdo com um número. De agora em diante ninguém mais tinha um

nome. Foram para os alojamentos. As beliches improvisadas com madeira, frágeis e quebradiças, o que ocasionava em uma série de acidentes durante as noites, eram lotadas com dezenas de mulheres por andar. Todas ficavam amontoadas.

A rotina nos campos de concentração era dura. Acordavam às quatro da madrugada, dirigiam-se ao pátio principal em qualquer condição climática imaginável, vivos, doentes ou mortos (os mortos da manhã ou da tarde, algumas vezes era exigido que fossem segurados em pé até que a contagem terminasse, para somente então serem enviados aos crematórios) havia a contagem que durava mais de duas horas, pela madrugada e depois à noite, por volta das 20h até as 22h. Permaneciam imóveis. Algumas idosas sucumbiam ao frio. Quem desmaiasse era esbofeteado até que ficasse em pé ou que a morte o levasse dali. Alguns não aguentavam a agonia e corriam em direção às cercas elétricas do espalhadas por todos os lados.

Em 31 de dezembro de 1944, o campo estava com uma lotação muito grande de crianças e a capacidade de morte do estava abarrotada. Crianças não trabalhavam com eficiência, portanto, eram desperdício de recursos, pois comiam e ocupavam o lugar de prisioneiros mais úteis à máquina nazista. As crianças deveriam ser jogadas em um buraco, embebidas em gasolina e incendiadas. Porém, a gasolina era pouca e a munição teria mais utilidade na frente de batalha. Era inverno. As temperaturas batiam menos de 15 graus negativos. Mais de trezentas crianças foram retiradas dos alojamentos e encaminhadas para o pátio.

Uma enfermeira judia acompanhou todo esse processo e mais tarde testemunhou o fato. As crianças receberam a ordem que seriam “banhadas”. Os pequenos com mais de dois anos até adolescentes com 15 anos, seguiram as ordens. Descalços, com a neve derretendo sob seus pés, carecas, maltrapilhos. A cada queda de uma criança o chicote estalava. Então foram caminhando por vários metros até um local mais retirado aos alojamentos.

Começou a nevar novamente. Naquela manhã a contagem durou mais de quatro horas. As crianças, imóveis e alinhadas militarmente em fila, como era de costume no campo, continuaram sua caminhada. Um grito: - *Stehen bleiben! (Parem!)*. Chegaram aos chuveiros.

Nos minutos seguintes que se passaram, as enfermeiras obrigadas, sem sabão ou toalha, deram banho nas crianças com água gelada. Colocaram os trapos em volta dos seus corpinhos e os mandaram para as fileiras para esperar. As enfermeiras se apressaram para dar banho em todas as crianças, mas foi em vão. A chamada feita pela SS durou cinco longas horas. As pobrezinhas tinham que ficar no frio cortante, congelando, imóveis. “*O pequeno menino Jesus virá até você agora*”, zombou um soldado nazista para a criança que estava com os lábios azulados.

Aos poucos iam caindo desmaiadas e ali mesmo morriam. Aqueles inocentes anjos começaram a morrer durante a contagem. Quando encerrada a chamada, os poucos que sobraram, aqueles que suportaram o martírio, retornaram. Na volta, pás e picaretas pararam por

alguns instantes para verem a fileira de maltrapilhos congelados passando sob o estalar dos chicotes, indo em direção aos estábulos. O pequeno *Thomas Gaston*, morreu no caminho. As enfermeiras colocaram seu corpinho do lado de fora do barracão, como mandava a regra, embora soubessem que os ratos iriam devorar sua carne ainda fresca. Era véspera de ano-novo. Em muitos lugares, as pessoas erguiam as taças e comemoravam o novo ciclo. Em Auschwitz, os ratos devoravam as crianças da Europa.

Os prisioneiros eram provados todos os dias. Primo Levi, um sobrevivente de Auschwitz, afirmou que havia um provérbio no campo que dizia: “*um prisioneiro honesto não vive mais de três meses*”. Isso significava que se um prisioneiro vivesse mais do que três meses, então ele só poderia estar fazendo algo de errado para que isso acontecesse, ou roubando comida, atuando em trabalhos mais leves ou era protegido de alguém.

Havia trabalho para todos. Na maioria das vezes consistia em carregar pedras e vigas de aço de um lado para o outro, esvaziar fossas sépticas com baldes, transportar carvão, limpar, construir, demolir, além dos “especialistas” trabalharem nas várias fábricas químicas e têxteis anexas ao campo. Praticamente não havia descanso. As pausas não autorizadas eram punidas com castigos severos. Qualquer infração, por mínima que fosse, era sentenciada com a morte. Um guarda decidia quem vivia e quem morria, conforme o seu humor. Tentativas de fuga resultavam em fuzilamento. Nas poucas vezes que prisioneiros

conseguiram escapar de Auschwitz, ao menos dez pessoas dos seus conviventes diários eram mandados para os bunkers da fome – lá morriam por inanição como forma de castigo exemplar a todo o campo.

Auschwitz, além de ter sido conhecido como o campo da morte, também foi o campo dos experimentos médicos. Mengele, o médico da plataforma, foi um dos maiores assassinos já conhecidos. Realizou inúmeras experiências em prisioneiros, como injeções com doenças contagiosas, testes de pressão atmosférica até o rompimento do crânio, ensaios de hipotermia até o congelamento do indivíduo, uma dezena de experimentos dementes com crianças e principalmente com gêmeos. Jogava crianças do terceiro andar e depois realizava cirurgias para salvá-las. Ele não foi o único a ser louco. Talvez a guerra transforme as pessoas. Talvez as pessoas sejam simplesmente más e só precisem das circunstâncias para que elas possam expressar quem realmente são.

De muitos males existentes nos campos, além das doenças, talvez a fome tenha sido a mais terrível. A dieta diária não ultrapassava 700 calorias. Era servido um pão com serragem, um pedaço de 30 gramas de carne de cavalo e alguns outros ingredientes que integravam uma sopa rala. Mais uma vez, Primo Levi elucidou a compreensão acerca da fome em um campo de concentração. Ele, como engenheiro químico recém recrutado para trabalhar na IG-Farben, explica: *“Não é fácil transmitir com palavras o que é viver num campo de concentração. Pior ainda é ser breve. Dizemos fome, mas é uma coisa diferente do que todos conhecem, é uma fome crônica que não reside mais nas vísceras, mas no*

cérebro, transformou-se em obsessão, que não se esquece em nenhum instante do dia ou da noite, do início ao fim do sono, só se sonha em comer ou, melhor, que se está prestes a comer, mas como no mito de Tântalo, no último instante alguma coisa faz com que o alimento desapareça. Para não passar fome em Auschwitz havia apenas um caminho: - A Lareira!

Em 27 de Janeiro de 1945, o exército vermelho, que estava expulsando os nazistas da União Soviética, chegou à Polônia, no campo de concentração de Auschwitz. Dos mais de 1,5 milhões de prisioneiros que passaram por este campo, no dia da libertação, deixados para trás por falta de tempo dos guardas em executarem-nos e porque não seriam capazes de marcharem para outros campos (como ocorreu), somente 7500 prisioneiros estavam vivos no dia da libertação. Anatoly Shapiro, o primeiro oficial soviético a entrar em Auschwitz, relata que viu algumas pessoas em pé, vestidas de listrados que não pareciam humanos quando chegou mais perto. Eram somente pele e osso: corpos esqueléticos andando vagarosamente. No campo das mulheres a maioria estavam mortas, nuas pelo chão. Haviam sido despidas pelas próprias colegas para que pudessem usar suas roupas. A neve estava derretendo. No campo que estavam as crianças, somente duas estavam vivas. Gritavam que não eram judias, com medo de serem mortas. *“Abrimos as cozinhas e preparamos refeições leves para os prisioneiros. Algumas das pessoas morreram porque seus estômagos não podiam mais funcionar normalmente”.*

Naquele dia 27, começava o entendimento sobre a necessidade de uma lei, um acordo internacional para que situações como estas jamais viessem a se repetir. Sabe-se bem que não são apenas linhas bem escritas que param a maldade humana. Na verdade, é imensurável saber até onde poderá ir um dia os limites da agressão humana. Os nazistas foram um mau inevitável e o reflexo de suas ações são significativos até os dias de hoje. As sociedades mundiais, principalmente as ocidentais, descobriram como que uma nação consegue eliminar outra de maneira eficiente sem apresentar o menor arrependimento. A maior parte dos nazistas condenados ou daqueles que nunca foram julgados por serem “simples subordinados à serviço do país”, jamais demonstraram o menor remorso por tudo aquilo que fizeram contra às vítimas que massacraram. Mais de 6 milhões de Judeus e mais alguns milhões de outras minorias sociais, como os ciganos, homossexuais, prisioneiros políticos e pessoas aleatórias ao bel interesse do partido, foram sentenciadas à morte por simples decisão de líderes populares. Hitler prometeu que iria exterminar a raça judaica da face da terra. Ficou muito próximo de cumprir sua promessa.

Os direitos humanos ainda está longe de ser, não apenas cumprido, mas de ser vivido no dia a dia das pessoas. O cumprimento da lei não torna homens maus em bons. O cumprimento da lei faz apenas que homens maus pareçam ser bons. É preciso que os homens maus deixem de existir para que as leis, um dia, sejam apenas lembretes do

que já foi uma geração miserável e falida. Que os homens bons simplesmente existam, vivam e se propaguem.

*Elton Paulo Dobrovolski*²⁷

²⁷ Acadêmico do Curso de Engenharia Agrônômica da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP).

23

Inversão nos Direitos Humanos

Não poderia deixar de iniciar a presente sem uma ressalva, a percepção aqui exposta é uma externalização de um raciocínio muito prático, até mesmo simplista, e que reflete diretamente nos “direitos dos humanos”, tanto quanto nos “Direitos Humanos”, que insisto, não se confundem, apesar de entrelaçados.

Porém, penso que minha simples e descompromissada análise sirva a ambos e ainda mais temáticas do entorno, com pretensão de ser apenas percepção, permitindo ao leitor total liberdade para concordar ou discordar, causando ao mínimo, espero em otimismo, percepções próprias a quem lê este escrito.

Quando penso sobre o direito, como ciência complexa, de natureza estrutural, me corre um certo distanciamento da realidade, entro em uma esfera de ideias abstratas e absolutamente “lindas”, que refletem o melhor do pensamento humano, e certa forma, como a física teórica só se aplicam “para objetos esféricos no vácuo...”.

Então, tendo isso como pressuposto, me coloco imediatamente à necessária percepção da realidade dura, fria e prática do mundo fático.

Sou dragado para o chão firme, e nele, observo diariamente as nuances

humanas que chocam frontalmente com aquela ciência apaixonante da essência do ser consciente.

Enxergo todas as incansáveis batalhas travadas pelos colegas, que devotam suas carreiras ao estudo avançado dos Direitos Humanos e percebo neles a necessidade de debate, e de informação, que são caminhos para a iluminação do tema e quiçá conscientização do ser humano para o seu próprio conjunto de direitos. Uma calorosa menção a estes intrépidos estudiosos é necessária! Porém, neste escrito fujo diretamente da teoria dos “Direitos Humanos”.

Quero, como percepção pessoal e prática, olhar para além, enxergando o macro sistema olhando as ruas das nossas cidades, olhando as relações interpessoais necessárias do dia-a-dia, ou seja, me atento à compreensão do macro pela observação do microuniverso, chamado “vida humana”, ou cotidiano das pessoas. Minha lógica, neste texto não passará de um “olhar pela fechadura” do tema.

Nisso, me percorre um “frio” pela espinha, vivemos em constantes contradições. Multidões pregam conceitos como “gratidão”, “perdão”, “reciprocidade”, como se fossem esses produtos de prateleira, conceitos fechados que compraram nos “facebook” da vida. E essas mesmas multidões, esquecem a aplicação prática destes conceitos.

O respeito ao humano começa no primeiro segundo do seu dia. Todos os dias. Descontando o intangível trato familiar, por brevidade, tratarei apenas das relações sociais externas, que em verdade, servirão apenas

como exemplos para que possa transmitir a minha percepção e minha mensagem neste escrito.

Ao sair pela porta da sua casa, você se quer enxerga o funcionário público que já cedo varre a rua onde você mora? Alguma vez, neste ano, você cumprimentou, com um sincero “BOM DIA” o lixeiro que religiosamente passa pela sua casa?

Independentemente da resposta, não se enalteça com tanta facilidade, poderíamos encontrar diversas situações outras em que o ser humano em nós, ignorou o ser humano no outro, sem dúvida! Isso, tratando de simples atitudes, de tratamento e respeito.

Imagine agora se, de fato, trouxéssemos os conceitos teóricos avançados dos Direitos Humanos como ciência para nossa simples e amigável análise? Teríamos as mesmas respostas? O que fizemos para a concretização de direitos básicos dos nossos vizinhos? Veja-se que a lista “teórica” inclui um rol extenso de garantias, que são longe de serem inatingíveis.

Em absolutamente todas, temos nós, diariamente uma ação, uma conduta que poderia impactar no progresso e resultado positivo do respeito ao humano e seus direitos intrínsecos.

Simplifico (demasiadamente, admito!), o rol de direitos constantes na Declaração Universal dos Direitos do Homem das Nações Unidas:

Todos Nascemos Livres e Iguais. Será que diariamente lembramos disso? Será que não estamos às vezes vendo alguns como “mais iguais que outros”?

Não Discrimine. Comentários são dispensáveis, frente à máxima de respeito. Não é mesmo?

O Direito à Vida. Esse eu garanto que todos concordam, afinal, viva e deixe viver, certo? Será que só isso basta?

Nenhuma Escravatura. Ninguém tem o direito de nos escravizar. Não podemos fazer de ninguém nosso escravo. Ninguém, inclui nós mesmos, inclui nossas relações pessoais, nossas relações profissionais, inclui aquilo que estamos confortáveis em fazer, e o respeito aos limites dos outros.

Nenhuma Tortura. Sim! Tortura é uma prática terrível, que se definida de acordo com o dicionário da língua portuguesa, acaba por ter uma incidência altíssima no cotidiano! ([vide: Constranger alguém com emprego de violência ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental; angústia.]

Você Tem Direitos Onde Quer que Vá. Afinal, eu enxergo o humano nos outros e eles enxergam o humano em mim? Certo?

Somos Todos Iguais Perante a Lei. Aparentemente, somos todos iguais perante as leis... da física...

Estamos Sempre Inocentes até Prova em Contrário. Afinal, se eu espero ser tratado assim, como eu estou tratando? Será que todos à minha volta recebem este tratamento livre de prejulgamentos?

O Direito à Privacidade. Esse aqui, me remete aos filtros que o sábio mestre ensinava seus discípulos. Certa feita, um deles procurou o mestre e disse, tenho algo a lhe contar sobre fulano. Mestre respondeu:

“Primeiro: É verdade o que me contará? Segundo: Espalhar isso, ofende ou pode ofender os envolvidos? E Terceiro e derradeiro: Me interessa?”
– sábio mestre!

Direito a uma Nacionalidade. Afinal, todos devem PERTENCER e sentir que PERTENCEM, será que eu favoreço esse sentimento de pertencimento aos que me cercam?

Enfim, esses são alguns direitos que saltam à memória, tendo em vista que o documento citado é muito extenso, e apenas com esses exemplos, percebo que, possivelmente, deveríamos nos aproximar do termo “humano” e melhor compreendê-lo, para si e para outrem.

Sinto que, frente às possibilidades infinitas de melhoria nas relações humanas (e com inabalável otimismo), cabe trazer célebre frase de Carl Jung: “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”

Por fim, tomo ainda a liberdade poética de realizar um trocadilho: Será que não trariam bons resultados pessoais e também (com sorte!), para os Direitos Humanos se enxergássemos mais de perto os Humanos Direitos à nossa volta?

*Renan Matheus Mendes*²⁸

²⁸ Professor na Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná (UCP) – Curso de Direito.

24

Humano Colonizado

Como humanizar o humano desumanizado?

Colonizado, ferido

Calado, maltratado, humilhado...

Escravizado, chibatado.

Até mesmo desalmado.

E agora?

Globalizado.

Liberalizado, desregulamentado e sem Estado...

Cidadão sem nação, sem coração, sem teto e sem chão.

Violação!

E a Constituição?

Papelão...

Que se “cata” na rua, onde se come e dorme no chão, sem colchão,
com fome... e sem nada na mão, apenas a prece em oração esperando a salvação.

Gilmara Aparecida Rosas Takassi²⁹

²⁹ Doutoranda em Ciências Sociais Aplicadas, pela UEPG. Mestre em Ciência Jurídica, pela UENP de Jacarezinho. Graduada em Direito, pela Unicesumar de Maringá. Advogada. Professora na Unicesumar, unidade de Ponta Grossa e Unisecal de Ponta Grossa.